

MINISTÉRIO DA CULTURA, PETROBRAS, CEMIG e GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS *apresentam*

GRUPO **40** CORPO anos

Direção artística: Paulo Pederneiras

suíte branca

Coreografia
Cassi Abranches

Música
Samuel Rosa
com Skank

Dança Sinfônica

Coreografia
Rodrigo Pederneiras

Música
Marco Antônio Guimarães
*com Orquestra Filarmônica
de Minas Gerais e Uakti*



**PROGRAMA DUPLO INÉDITO
SOBRE TRILHAS ESPECIALMENTE COMPOSTAS
POR MARCO ANTÔNIO GUIMARÃES E SAMUEL ROSA
CELEBRA OS 40 ANOS DE ATIVIDADE DO GRUPO CORPO**

Com uma obra memorialista (*Dança Sinfônica*, com música de Marco Antônio Guimarães e coreografia de Rodrigo Pederneiras) e outra que aponta para o futuro (*Suíte Branca*, com música assinada por Samuel Rosa e coreografia de Cassi Abranches), a maior companhia particular de dança contemporânea do país celebra 40 anos de uma existência pautada pela excelência e pela busca incessante de renovação.

Primeiro programa duplo inédito levado à cena pelo GRUPO CORPO desde de 1991¹, os dois balés têm cenografia de Paulo Pederneiras, figurinos de Freusa Zechmeister e iluminação assinada a quatro mãos por Paulo e Gabriel Pederneiras. Depois de fazer sua estreia mundial em 5 de agosto, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, e de cumprir temporadas no Teatro Alfa, em São Paulo (12 a 23 de agosto), e no Theatro Municipal do Rio de Janeiro (3 a 7 de setembro), o Grupo Corpo aporta em Recife.

Concebido por Paulo Pederneiras, diretor artístico e o grande arquiteto das criações da companhia desde os seus primórdios, o programa comemorativo é marcado pelo contraste entre os dois grandes veios que abasteceram o processo artístico do CORPO – o erudito e o popular – e pela reafirmação da profunda conexão com a identidade cultural mineira que contribuiu para fazer de uma parte significativa de sua obra um patrimônio universal.

Uma celebração mineira por excelência

Como o balé inaugural da companhia mineira de dança, *Maria Maria*, de 1976, que teve música especialmente composta pela dupla histórica formada por Milton Nascimento e Fernando Brant, *Dança Sinfônica* e *Suíte Branca* contam com a colaboração de autores e intérpretes emblemáticos da música produzida em Minas Gerais.

Diretor musical, arranjador, autor mais recorrente e criador dos instrumentos que fizeram do Uakti Oficina Instrumental um grupo sem paralelos na história recente da música, Marco Antônio Guimarães escreve sua quinta e mais arrojada trilha para o GRUPO CORPO²: *Dança Sinfônica*, uma teia de temas milimetricamente tecida para a formação da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, de 90 figuras – que, sob a direção do maestro Fabio Mechetti, em apenas sete anos de atividade, atingiu um patamar equiparável aos mais importantes conjuntos orquestrais do país. À instrumentação tradicional da Filarmônica, Guimarães sobrepõe, como não podia deixar de ser, a sonoridade exótica de alguns dos mais de cem instrumentos construídos por ele para Uakti – como o Grande Pan (de percussão, feito com tubos de PVC), o Chori (instrumento de corda com arco, que tem como caixa de ressonância uma cabaça) e as Marimbas de Vidro ou d'Angeli (esta, com teclas de madeira), utilizados, no mais das vezes, em temas breves que cumprem a função de conduzirem modulações e mudanças de timbre, imprimindo fluidez às passagens de um tema sinfônico para outro.

Vocalista, guitarrista, compositor e líder do Skank – uma das bandas pop rock brasileiras de maior projeção internacional e outro ícone da cena musical mineira –, Samuel Rosa constrói, ao lado de seus companheiros de mais de 20 anos de estrada, a trilha, 100% instrumental, de *Suíte Branca* – sua primeira incursão como colaborador do GRUPO CORPO e, também, seu primeiro trabalho de fôlego como autor fora do cancionário da banda.

¹ Quando estreou *Três Concertos*, de Telemann, e *Variações Enigma*, de Edward Elgar.

² Com ou sem a coautoria do Uakti, levam a sua assinatura, os balés *Uakti*, de 1988; o antológico *21*, de 1992; *Sete ou Oito Peças para um Ballet*, de 1994, em parceria com Philip Glass, e *Bach*, criação livre sobre a obra de Johann Sebastian Bach, que fez sua estreia mundial na edição 1996 da Bienal de Dança de Lyon.

Tabula Rasa

Quando os primeiros acordes *índigo-blues* da guitarra de Samuel Rosa e a silhueta sinuosa de uma bailarina riscam o ar, um quê de mistério insinua-se na cena. Logo, a aridez de uma paisagem estranhamente brancasublinha o clima enigmático.

Vestidos de branco do princípio ao fim do balé, movimentando-se sobre um linóleo láteo, e tendo ao fundo um painel, que pouco a pouco revela as saliências e reentrâncias de uma estrutura que sugere uma geleira gigantesca, os 21 bailarinos do GRUPO CORPO percorrem engenhoso emaranhado de temas composto por Samuel Rosa para a trilha de *Suíte Branca*. Ao longo de 30 minutos, Rosa e seus parceiros de Skank mesclam psicodelia e circo, Jamaica e Minas Gerais, levadas mânticas em compasso de valsa e distorções cáusticas de guitarra, e fazem alusões discretas a bandas legendárias que, nos anos 60 e 70, marcaram a formação musical do quarteto, como os Beatles e o Clube da Esquina.

Entre ondulações de braço e quadril, movimentos pendulares, suspensões e muitas intercorrências de chão, é possível reconhecer, ao longo dos 30 minutos do balé, os traços distintivos do GRUPO CORPO que há tanto tempo habitam o nosso imaginário, ao mesmo tempo em que se percebe a presença de uma inequívoca alteridade.

Idealizado como as antigas *tabulas rasas* romanas ou uma página em branco, sobre as quais uma nova história começa a ser inscrita, *Suíte Branca*, o balé de abertura do programa que celebra os 40 anos de atividade do GRUPO CORPO, marca a estreia na companhia, como convidada, da jovem coreógrafa paulista Cassi Abranches. Dona de uma caligrafia própria, Cassi atuou por doze anos como bailarina do CORPO (de 2001 a 2013) e conhece como poucos o potencial e as idiosincrasias de seus antigos colegas de palco. Depois de colaborar com a São Paulo Companhia de Dança (*GEN*, de 2015), a Cia Jovem Bolshoi Brasil, de Joinville (*Ariana*, 2015), a Cia SESC de Dança (*Oblivione Plano*, 2015) e o Ballet Jovem Palácio das Artes (*Contracapa*, 2009), ambos de Belo Horizonte, ao receber a honrosa tarefa de criar *Suíte Branca*, tornando-se a segunda criadora a assinar uma coreografia para o CORPO desde que Rodrigo Pederneiras assumiu a residência, em 1981³, ela personifica a aposta da companhia mineira de dança em uma nova geração.

O Corpo em sinfonia

Com as cortinas ainda fechadas, o primeiro oboé da Filarmônica de Minas Gerais faz soar o lá padrão utilizado na afinação dos conjuntos sinfônicos. Em seguida, como se a orquestra estivesse no fosso do teatro, as cordas, os metais e as madeiras conferem o tom. Ainda no rastro da nota grave que se demora nas caixas de ressonância do violoncelo e do contrabaixo, uma trompa entoa, solitária, um trecho do *Rorate Caeli Desuper*. No momento em que as cordas começam a harmonizar, as cortinas se abrem e o canto gregoriano é executado na íntegra por oboés e clarinetas, dando início ao balé.

A harmonização de um canto tradicional da liturgia católica romana que remonta a um tempo onde a música coral religiosa não utilizava harmonia nem contraponto é apenas uma entre as muitas licenças poéticas, citações, superposições, subversões e transcrições que o *vakti* Marco Antônio Guimarães irá processar ao longo dos 42 minutos da trilha que compôs para *Dança Sinfônica*.

³ Sua antecessora foi ninguém menos que a alemã Suzanne Linke, que em 1988 montou com o grupo o seu *Mulheres*, com música do pós-serialista polonês Krystof Penderecki.

Discípulo de Walter Smetak e Ernst Widmer (com quem estudou, de 1966 a 1971, nos tempos áureos da Universidade Federal da Bahia | UFBA), violoncelista clássico com 15 anos de atuação em orquestras da envergadura da OSESP (de 1973 a 1977, quando tinha à frente a figura mítica de Eleazar de Carvalho) e da Sinfônica de Minas Gerais, e autor da música original de balés que entrariam para a galeria dos clássicos do repertório do CORPO – incluindo *21*, de 1992, o grande divisor de águas na trajetória artística do grupo –, Guimarães trama em sofisticada tapeçaria desde uma grande valsa, para Strauss nenhum botar defeito, até reminiscências de temas folclóricos infantis. Com tratamento notadamente autoral, em meio a um conjunto de peças inéditas, promove o entrecruzamento de prelúdios, árias e adágios de Bach e Vivaldi, reinventa o minimalismo de Philip Glass – com quem divide a autoriada trilha de outro título antológico, *Sete ou Oito Peças para um Ballet*, de 1994 – e cita, aqui e ali, sempre em releitura, fragmentos de temas especialmente compostos para a companhia mineira de dança.

Urdida com maestria pelo autor da trilha de *Bach*, a evocação de passagens musicais de balés que deixaram marcas profundas na história recente do CORPO, se encaixou como um *puzzle* exato no mote central estabelecido por Paulo Pederneiras, diretor artístico do grupo, para nortear a criação da peça sinfônica do programa comemorativo, a ser coreografada por Rodrigo Pederneiras.

Decidido a fazer de *Dança Sinfônica* uma obra memorialista, Paulo passou meses a fio debruçado na tarefa hercúlea de levantar os acervos fotográficos particulares de rigorosamente todas as pessoas que passaram pela história ou exerceram algum tipo de influência sobre a trajetória do GRUPO CORPO ao longo desses 40 anos e puderam ser localizadas – de bailarinos e *mâitres de ballet* a técnicos e camareiros. De alguns milhares de flagrantes fotográficos – informais e, em sua imensa maioria, amadores – coletados por ele, nada menos que 1080 (um mil e oitenta) compõem o painel cenográfico de 8m x 16m que ambienta o espetáculo. Realçado por um *back light*, ele forma um imenso relicário do percurso da companhia. Só que sob uma ótica trivial, cotidiana, jamais revelada ao grande público.

Em contraponto com o caráter mundano das situações ali representadas, cortinas e collants de veludo vermelho-vinho revestem as pernas do teatro e vestem as bailarinas, conferindo um certo ar de solenidade à apresentação.

Primeira obra sinfônica encenada pelo GRUPO CORPO desde *Variações Enigma*, de Edward Elgar, de 1991, o conjunto temas escritos por Marco Antônio Guimarães para a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, com a participação pontual do grupo Uakti, leva Rodrigo Pederneiras a visitar as melhores notações de todo um vocabulário de movimentos que havia deixado para trás, e a processar, com a bagagem acumulada em décadas de exercício de desprendimento da forma, uma espécie de síntese de uma escritura construída ao longo de 34 anos de residência como coreógrafo da companhia.

A presença de temas de um lirismo transbordante e a diluição sutil e bem dosada de referências a personagens e passagens que, dentro ou fora da cena, marcaram a trajetória do CORPO ajudam a emprestar à reconstituição uma alta voltagem emocional. Que atinge seu clímax no extenso e primoroso *pas-de-deux* em espiral, reputado por seu criador entre os melhores que deu vida até hoje.

E assim, abrindo espaço para a expressão do talento de uma coreógrafa de uma nova geração, numa clara demonstração de que tem os olhos bem voltados para o futuro, e descrevendo, ao mesmo tempo, um arco para trás que contempla o passado através de uma pungente releitura cênica de seu percurso, o GRUPO CORPO cumpre o ciclo de 40 anos de uma existência pra lá de bem vivida e acena com a perspectiva de novos rumos.

GRUPO CORPO

40

anos

Programa

suíte branca

Coreografia Cassi Abranches

Música Samuel Rosa

Cenografia Paulo Pederneiras

Figurino Freusa Zechmeister

Iluminação Paulo Pederneiras e Gabriel Pederneiras

Duração 30 minutos

(intervalo)

Dança Sinfônica

Coreografia Rodrigo Pederneiras

Música Marco Antônio Guimarães

Cenografia Paulo Pederneiras

Figurino Freusa Zechmeister

Iluminação Paulo Pederneiras e Gabriel Pederneiras

Duração 42 minutos

Classificação etária: livre

GRUPO CORPO

www.grupocorpo.com.br

Patrocínio

PETROBRAS CEMIG ITAÚ

Através da Lei Federal de Incentivo à Cultura

